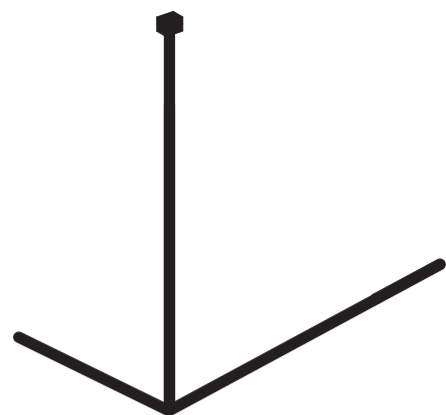
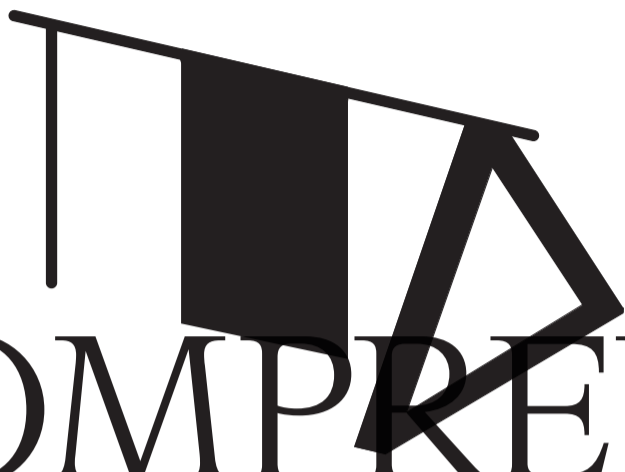


COMO
RECLAMAR



A
INCOMPREENSÍVEL



DIFICULDADE

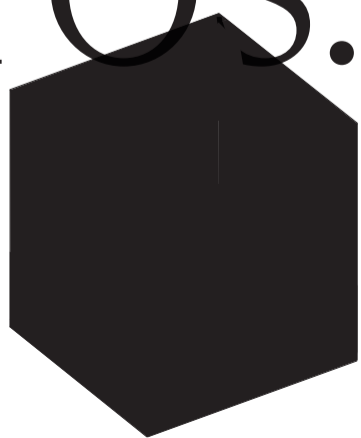
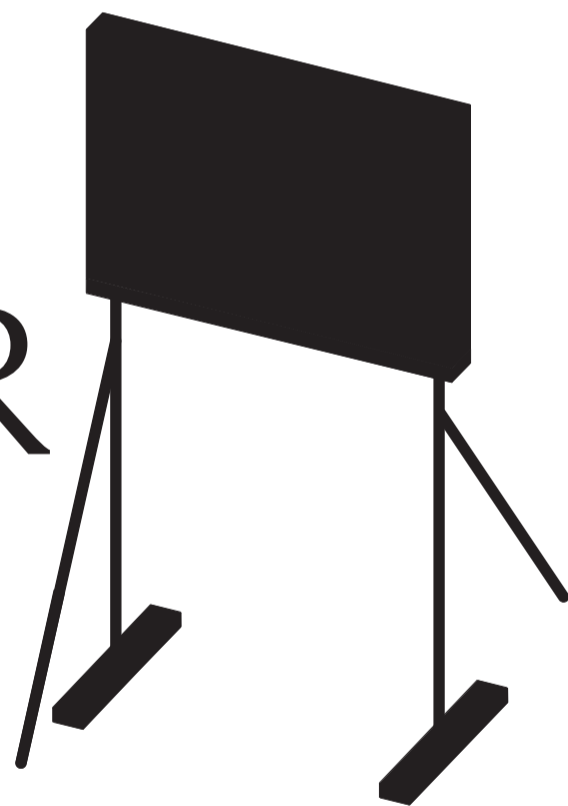


DE

COMUNICAR

COM OS

MORTOS.



Monumento aos heróis
desconhecidos da
Biblioteca Cosmos.

3-16

*COMO RECLAMAR
A INCOMPREENSÍVEL
DIFICULDADE
DE COMUNICAR
COM OS MORTOS
•
DECLARAÇÃO
DE INTENÇÕES*

3

*AS IMAGENS
INVERTIDAS
DO CONHECIMENTO,
OU O «OLHO
DA HISTÓRIA»
DA COSMOS.*

6

*O METAL
ESQUECIDO
DA ECONOMIA
DA EDIÇÃO.*

8

*«UM PROBLEMA
SE COLOCA, AGORA,
ENTRE O EDITOR
E O LEITOR:
A COOPERAÇÃO.»*

10

*«HISTÓRIA
DE UMA
BIBLIOTECA VIVA»,
PARA UMA BIOGRAFIA
DAS FORÇAS COLETIVAS.*

14

*PÔR NO PAPEL
UMA ECONOMIA
DA PARTILHA.*

NO INÍCIO, COLOCAM-TE DIANTE DE UM OBJETO ABISSAL. A *Biblioteca Cosmos* é uma empreitada editorial exemplar: em sete anos (1941-1948), e num contexto desfavorável, publicam-se 106 títulos em 145 volumes sobre temas da cultura geral, a preços acessíveis. A coleção representa a genuína ambição de produzir e disseminar conhecimento, de democratizar o saber, onde cada livro é uma sala de aula, e cada leitor um potencial estudante sem mestre nem escola.

DEPOIS, DE UM CONCEITO QUE TE É AVESSE. As biografias são exercícios recorrentes de individuação na história das ideias, e um género que revela o apetite voraz do coletivo em encontrar a excepcionalidade

3

AS IMAGENS INVERTIDAS DO CONHECIMENTO, OU O «OLHO DA HISTÓRIA»¹ DA COSMOS.

Em três estantes metálicas industriais com cerca de seis prateleiras cada, jaz um Atlas em potência. Numas boas dezenas de caixas de cartão de arquivo morto, paralelepípedos robustos de diferentes dimensões, madeira e zinco, alguns pregos, dão corpo às matrizes das imagens de uma imensa empreitada de divulgação do conhecimento, aquela «a que os agentes políticos e culturais não poderiam fugir sob o risco de abdicar de um campo de batalha em prol dos fascismos e dos projectos autoritários» (Neves, 2006: 827) – a *Biblioteca Cosmos*.

Agora, sem qualquer vínculo ao texto nem aos livros onde foram reproduzidas, estas imagens ganham uma definitiva autonomia. O corpo coletivo constituído pela imagem mental de todas estas gravuras é o «olho da história» da *Cosmos*. Cumprindo a sua função – gravar as imagens nos livros –, as matrizes foram embrulhadas e arquivadas, provavelmente aguardando a hipótese de novas edições. Em hibernação durante décadas, e resgatadas para dar corpo a uma das peças do *Monumento aos heróis desconhecidos da Biblioteca Cosmos*², estas gravuras são agora entidades orgânicas: zinco corroído contrasta com brilhos inusitados, imagens a desvanecer como negativos antigos de fotografia, com uma qualidade misteriosa que está para além da função que lhes deu origem, a que se sobrepõe o natural fascínio por uma tecnologia de impressão em desuso.

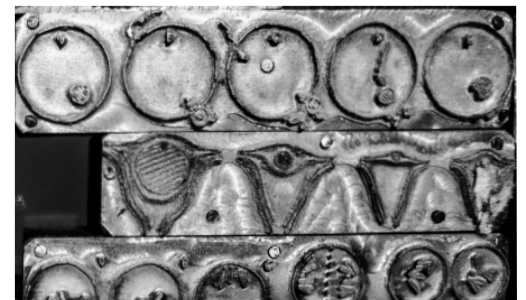
materializado na *Biblioteca Cosmos* que, num Portugal da década de 1940, num país maioritariamente analfabeto, e enquanto o mundo se debatia com o desfecho e rescaldo da II Guerra Mundial, teimava em afirmar-se como um baluarte da cultura.



Em cada matriz, em cada figura invertida, reflete-se uma ideia de conhecimento. Como um Atlas, estas gravuras representam o amplo espectro temático da *Cosmos* e a ambição desmesurada desta empreitada. É impossível não olhar para estas gravuras e nelas não deixar de reconhecer um interesse enigmático, por vezes datado, por vezes, de extrema atualidade.



Estas imagens são a matéria que nos permite revisitar a sobrevivência das ideias (lembrando as teorias de Darwin sobre a sobrevivência das espécies, ou a teoria dos genes culturais, os *memes*, de Richard Dawkins), mas, também, a resiliência de um ideal –



1 Expressão de Didi-Huberman que encontramos no livro *Atlas ou a Gaia Ciência Inquieta* (2013), Lisboa: Coleção Imago.

2 O meu contributo à exposição *COSMO/POLÍTICA #6*, uma releitura da *Biblioteca Cosmos* a partir da sua economia da edição (v. ficha técnica p. 16).

individual, aqueles que são dotados e que ultrapassam a mediania. «Biografias» é também o título da 5.^a secção da *Biblioteca Cosmos*, e o mote que subjaz ao convite curatorial de *COSMO/POLÍTICA* que me foi endereçado.

DESTA TENSÃO, CHEGA-SE A UMA PRIMEIRA RESOLUÇÃO... Mais do que as dos nomes enviados temporariamente para a posteridade, prefiro outras narrativas — as das cadeias de transmissão e sobrevivência das ideias —, para depois escrutinar os métodos, as políticas, a economia.

... SEGUIDA DE UMA REVELAÇÃO...

Esta contranarrativa tem matéria. Encontrei-a no espólio das Edições Cosmos depositado nos arquivos

4

Estas matrizes são ainda a prova contundente da missão da *Cosmos* — a educação popular —, e do papel que se atribuiu às imagens na democratização do saber e no impulso para a criação do «homem culto». László Moholy-Nagy (1947), em *Vision in Motion* (livro contemporâneo da última edição da *Cosmos*), falava da qualidade política do «livro integrado», onde texto e imagem correm em paralelo para a criação de uma nova tipologia de leitor:

«(...) este livro é uma tentativa de adicionar ao político-social uma 'declaração de direitos' biológica, afirmando a inter-relação das qualidades fundamentais do Homem, dos seus requisitos intelectuais e emocionais, do seu bem-estar psicológico e da sua saúde física. Propõe que novas ferramentas e tecnologias determinam mudanças sociais; que estas mudam modos de produção, posses, riqueza e poder; embora a lógica inevitável das novas tecnologias ofereça vantagens simples para a economia do trabalho e do lucro, e seja aceite de bom grado nos termos intelectuais pragmáticos, ela é obstinadamente oposta à esfera emocional (...). Esse preconceito emocional — ou inércia — é o grande obstáculo aos ajustes e reformas sociais necessários. A solução passa por adicionar à nossa alfabetização intelectual uma alfabetização emocional, uma educação dos sentidos, a capacidade de articular sentimentos através dos meios de expressão.

(...) Com a generosidade do editor, pude fazer alguns progressos em direção a uma nova forma de livro, sobre a qual direção há 25 anos. Sempre defendi que, para uma melhor comunicação visual, o texto e a ilustração devem encontrar-se. (...) Neste livro, uso um layout que se adapta melhor à presente técnica de impressão de tipografia e letterset industrial (...). Aqui, todas as ilustrações são compostas no lugar onde são mencionadas no texto, em tamanho pequeno na margem maior, ou em tamanho maior no texto principal ou na página oposta. O resultado apresenta (pelo me-

nos era isso que desejávamos) uma fluidez funcional e maior legibilidade, ou seja, uma melhor comunicação. (...) Este livro integra textos e ilustrações, mas também considera o leitor impaciente, que a princípio não quer aprofundar os argumentos escritos, e pode apreciar o material pictórico. Movido por isto, pode então ler as breves legendas, glossários e notas de rodapé até que o seu apetite seja aguçado para explorar o texto principal.»

Os livros da *Biblioteca Cosmos*, que embora de forma não declarada também seguiam esta ideia de «livro integrado», recusam-se a catalogar a cultura em popular e de elite. Quando se dirigiam ao leitor, em prefácios, introduções, materiais de divulgação e ainda nos conteúdos dos próprios livros, a sua linguagem era simultaneamente coloquial e informal, mas acima de tudo, afetiva, de proximidade. Por outras palavras, o leitor era uma figura omnipresente, tal como podemos ler em *100.000 porquês: uma viagem à volta da casa*, um dos livros da coleção:

«Todos os dias, alguém na tua casa acende o lume, aquece a água e coze as batatas. Talvez saibas perfeitamente como acender o lume ou como cozer as batatas. Mas sabes tu dizer por que é que a lenha estala quando arde? Porque é que o fumo sobe pela chaminé, em vez de se espalhar pela casa? Onde vem a fuligem quando o petróleo arde? Por que têm uma crosta as batatas assadas e não a têm as batatas cozidas? Quer-me parecer que não és capaz de dar explicações muito satisfatórias. Ora, experimenta esta: Por que é que a água apaga o lume? Dirás, talvez: Porque é líquida e fria. Mas tu sabes que o petróleo é também líquido e frio. Experimenta, então, apagar um fogo com petróleo. Mas não, é preferível não experimentares. Podias ter de chamar os bombeiros. Parece uma pergunta simples, mas não é muito fácil responder-lhe.» (Iline, 1948: 5-6)

Se a cultura não se dividia em popular e de elite, Bento de Jesus Caraça, o ilustre intelectual e editor da *Biblioteca Cosmos*, recusava-se a dividir a ação entre intelectual e física:

«É incompleta, mutilada e de efeitos desastrosos toda a formação cultural que se dirija apenas às qualidades intelectuais do indivíduo. Deve, por consequência, fazer-se cair a barreira, que vem já da antiguidade clássica, entre o trabalho intelectual e o físico. (...) A separação total que existe, como na nossa Universidade, entre formação literária e científica, deve desaparecer também. Os nossos licenciados, em Letras e em Ciências Matemáticas por exemplo, estudam fragmentos duma mesma coisa, mas não a coisa.» (Caraça, 1970: 281-282)

Este programa é declarado no prefácio do primeiro volume da *Biblioteca — O Homem e o Livro* —, escrito por Bento de Jesus Caraça, onde se apontam os princípios éticos que regerão a edição:

«A que vem a Biblioteca Cosmos? Podemos resumir nestas poucas palavras os seus intuítos — dar ao maior número o máximo possível de cultura geral, tornar acessível a todos aquilo que as condições materiais de vida e as necessidades profissionais da especialização tornam sempre difícil, e por vezes mesmo impossível, adquirir — uma visão geral do mundo, mundo físico e mundo social, da sua construção, da sua vida e dos seus problemas. Quando falamos em tornar acessível, entendemo-lo de duas maneiras — pelo preço dos volumes, o qual será tão baixo quanto possível, e pela forma de tratar os problemas, que será simples, concisa, em linguagem ao alcance de todos. À opinião, frequentemente defendida, de que a marcha da civilização e o progresso da cultura são obra exclusiva das elites, contrapomos a de que são o produto da

do Museu do Neo-realismo, na forma de tipos de chumbo, zincogravuras, fichas dos assinantes.

... QUE ME LEVA A FECHAR (PROVISORIAMENTE) A ARGUMENTAÇÃO... Estes objetos são os traços visíveis das entranhas de uma economia editorial, suportada pelo acesso aos meios, pela construção de uma comunidade de leitores e pela promoção de um diálogo de proximidade entre todos os envolvidos.

... PARA CHEGAR A UMA CONCLUSÃO. Evitar o caminho da biografia não obriga necessariamente a esquecer as forças individuais que possibilitaram a *Cosmos*, mas tão somente a imaginar essas forças individuais em cooperação. Devo, portanto, ocupar-me

5

acção de todos os homens, a de que há uma corrente, profunda e una, de que todos participam, limitando-se as elites, quando de facto o são, a dar estruturação intelectual ao corpo orgânico de que participam. Vemos as elites, não como causas exclusivas do progresso, mas como obreiros mais ou menos potentes, trabalhando em campos de acção mais ou menos extensos, dum processo de evolução que as condiciona e lhes marca os moldes dentro dos quais a sua acção pode utilmente produzir-se. Daqui resulta o considerar-se a cultura como não devendo ser monopólio de classe ou grupo, o julgar-se que o homem-comum, como participante da obra única, tem o direito a que a cultura seja posta ao seu alcance. Mas a questão não se limita a este simples aspecto do direito à cultura; ela põe-se, também, no campo da possibilidade. É possível pôr ao alcance de todos a cultura geral?

(...) O que se pretende vulgarizar é, precisamente, o que pertence ao domínio geral, e aí não há nada que não possa ser aprendido pelo comum dos homens. É a eles que é dirigida esta Biblioteca. É pensando neles, e nos diferentes graus de cultura geral e profissional que possam ter, que se procura a síntese do máximo de rigor com o máximo de simplicidade. É pensando neles, nos seus direitos e nas suas possibilidades, que nos propomos vulgarizar sem deturpar nem abaixar.

Um outro pensamento nos guia ainda. Seja qual fôr o resultado imediato da convulsão que o mundo presentemente atravessa, uma coisa é certa — que, uma vez passado o período agudo dessa convulsão (e parece que vamos entrar nele), há-de ser necessário recorrer a todas as energias do homem para fazer a reconstrução da sociedade. (...) É toda uma vida nova a construir, dominada por um humanismo novo.

(...) Há, em suma, que dar ao homem uma visão optimista de si próprio; o homem desiludido e pessimista é um ser inerte, sujeito a todas as renúncias, a todas as derrotas — e derrotas só existem aquelas que se aceitam.

Quando acima falamos num humanismo novo, entendemos como um dos seus constituintes essenciais

este elemento de valorização — que o homem, sentindo que a cultura é de todos, participe, por ela, no conjunto de valores coletivos que há-de levar à criação da Cidade Nova.

A Biblioteca Cosmos pretende ser uma pequena pedra desse edifício luminoso que está por construir.»

Determinada a encontrar coincidências que nutram a narrativa do *Monumento aos heróis desconhecidos da Biblioteca Cosmos*, verifico que as prateleiras metálicas de arquivo que hoje albergam este acervo de gravuras parecem replicar as estantes das bibliotecas dos assinantes e das pequenas bibliotecas que foram requisitando exemplares à *Biblioteca Cosmos*. Num dos seus títulos — o n.º 111, *Pequenas Bibliotecas — Como as organizar modernamente e como utilizá-las*, de Ema Quintas Alves —, encontramos pistas para algumas destas coincidências.

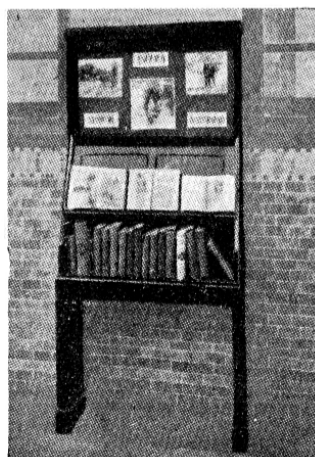


Foto 1

Modelos de estantes expositivas, sobrepostas de quadros para gravuras.

Organizam-se as imagens e os livros, organiza-se a cultura e o conhecimento, organiza-se a rede dos que produzem e disseminam a cultura, as casas e as estantes que a recebem.

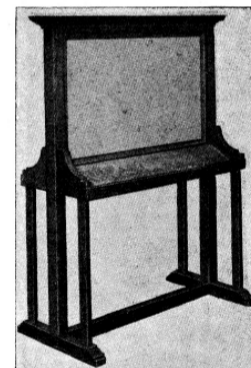
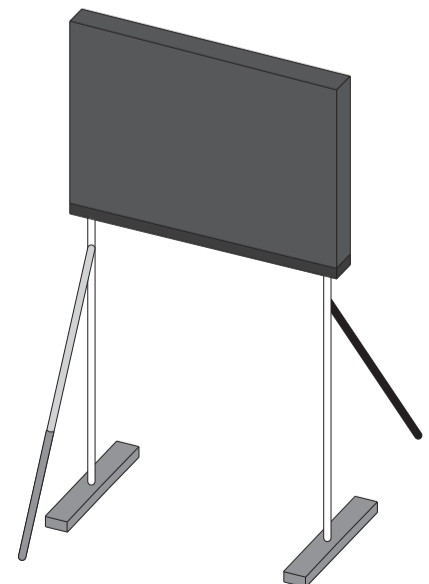


Fig. 1 — Estante mostruário dupla deslocável que pode aplicar-se a livros temporariamente em exposição, sobreposta de quadro para gravuras

Era urgente erguer um pequeno monumento às gravuras da *Cosmos*: um monumento à escala do Homem e ao nível do seu olhar, de realidade invertida — à semelhança das matrizes que exhibe —, e em busca do seu próprio equilíbrio interno.



a partir dos acervos, da cultura material, mas também da imaginação, seguindo a máxima «Sabemos perfeitamente que os trabalhos de inventariação são trabalhos da imaginação» (Neves, 2006: 851). E daqui, imaginar os gestos mínimos para que cada livro chegasse às mãos do seu leitor, enquanto se projetam todos os gestos necessários para que o acervo chegue, do passado, ao espaço da exposição.

DEPOIS DE ENCONTRAR AS PROVAS (COMO UM DETETIVE FORENSE), ESBARRA-SE CONTRA UM SEM NÚMERO DE CONTENTORES¹ FECHADOS.

¹ Não devemos, contudo, menosprezar os contentores. Em *The Carrier Bag Theory of Fiction*, Ursula K. Le Guin (1986) propõe que consideremos os recipientes de transporte como a primeira ferramenta fundamental para a evolução da humanidade. Antes dos paus, das espadas e de todas as ferramentas de batalha, massacre ou subjugação, «antes da ferramenta que canalizou a energia para o exterior, criámos a ferramenta que levava a energia para a casa». Este simples desvio nas narrativas da História permite-nos de imediato questionar a linearidade das suas versões técnico-heróicas, onde predominam as figuras masculinas e a força física. Esta inversão obrigar-nos-ia ainda a recapitular os arquétipos da ficção: em vez do homem que vai para o campo de batalha, as narrativas fundadoras centrar-se-iam na mulher, por ser esta que melhor personifica a recusa à noção de «herói». Le Guin (1986) lembra-nos ainda outras analogias entre a ideia de ficção e de contentor: «Quando planeava o livro que acabou por se chamar *Three Guineas*, Virginia Woolf escreveu uma entrada no seu caderno — ‘Glossário’; Woolf pensou em reinventar o inglês de acordo com um novo plano, a fim de contar uma história diferente. Uma das entradas deste glossário é ‘heroísmo’, definido como ‘garrafismo’. E ‘herói’, no dicionário de Woolf, é ‘garrafa’. O herói como garrafa, uma rigorosa reavaliação. Proponho agora a garrafa enquanto herói.»

7

Se falamos de economia, não tenhamos pudor em passar aos números (Neves, 2006: 829):
Tiragem (no total dos vários volumes): 800.000 exemplares;

Tiragem média por título: > 7000 exemplares (número aproximado à população universitária nacional da época);

Média de lançamentos de títulos: 2 números/mês;

Preço do primeiro número da coleção (1941): 2\$50 (c. de 1,5€);

Preço da versão cartonada (1941): 3\$50;
Preço no último ano da coleção (1947): 7\$50;

Honorários autores: 1.000\$00 por volume, um valor simbólico para a época, tal como declarado por Bento de Jesus Caraça:

«Eu nada tenho com a parte administrativa da empresa mas para evitar maior dispersão de correspondência digo-lhe já que os editores pagam, para todos os volumes da Biblioteca, 1.000\$00 por cada volume; é ridiculamente pouco mas todos os que se meteram nesta empresa se resignaram a dar uma soma de trabalho muito maior do que aquela por que são remunerados; o preço de venda dos volumes ao público não deixa, como é óbvio no tempo que corre, margem para larguezas».

Carta de Bento de Jesus Caraça a Carlos de Almeida a 25 de Abril de 1944, Arquivo BJC-FMS, pasta 4419.002 (apud Neves, 2006: 832).

Estes números estavam ao serviço de uma missão: constituir uma comunidade expressiva de leitores — «só com grandes tiragens e com a colaboração de todos os leitores, será possível uma melhoria no preço e na apresentação do livro», lê-se na «Folha Cultural de Divulgação da Biblioteca Cosmos». Em 1941, as receitas cobriam cerca de 2/3 das despesas; em 1942, 99% das despesas; em 1943, as receitas ultra-

passam em cerca de 2% as despesas (de acordo com o *Mapa de receitas e despesas da Biblioteca Cosmos*, Arquivo BJC-FMS, pasta 4419.012).

Mas:

«O que Caraça persegue não é apenas a quantidade de venda, a força da divulgação, a termodinâmica do projecto, mas também a qualidade da comunicação, a química da dinâmica cultural. A Biblioteca Cosmos procurou assim erguer-se como um caso que testemunhava que era possível uma outra economia do livro. Uma economia editorial em que o preço muito acessível de cada unidade era gerador de uma fraca mais-valia comparativamente a outros preços unitários; mas uma economia editorial do livro em que as fracas margens de lucro unitário seriam compensadas pela quantidade do número de unidades vendidas, quantidade essa que se apostava muito superior à média da época» (Neves, 2006: 867).

Ao invés de se isolar, a *Cosmos* construiu um sistema de valor alternativo e encontrou os seus próprios processos de institucionalização. Para isso tornava-se imperativo implementar estratégias que obrigassem a compromissos sociais, que também eram políticos e económicos; com esta estratégia, deu-se forma a novos tipos de cultura.

Se publicar é uma operação fundamental para a constituição molecular da evolução e circulação das ideias, a *Biblioteca Cosmos* transportava, literalmente, esta missão para a sua orientação editorial. É esta feliz coincidência, alicerçada num esquema simultaneamente pragmático e utópico, que permitiu que a Coleção se tornasse num exemplo seminal de boas práticas na economia da edição, que estava por sua vez ao serviço de uma economia da partilha.

Se partimos do chumbo para falar de economia, não podemos esquecer o vínculo deste metal com quem o trabalhava quotidianamente — os tipógrafos:

«A primeira empregada da editora, Isabel de Oliveira (que viria a casar com Manuel Rodrigues de Oliveira [editor e fundador das Edições Cosmos]), relata que então a Cosmos já tinha muitos empregados. Chegou a ter 14 tipógrafos (...)» (Machaqueiro apud Neves, 2006: 835).

A estes 14 operários das palavras se dedicam os seguintes colofones extraídos de dois títulos da *Biblioteca*:

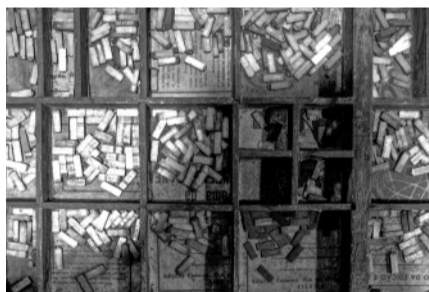
ÊSTE VOLUME ACABOU DE SE IMPRIMIR AOS 13 DE NOVEMBRO DE 1941 — FOI COMPOSTO NA OFICINA DAS EDIÇÕES COSMOS, RUA DA EMENDA, III-2.º — FOI IMPRESSO NA GRÁFICA LISBONENSE, RUA DA ROSA, 238 LISBOA

Êste volume acabou de se imprimir aos 13 de Setembro de 1946 — Foi composto nas oficinas das Edições Cosmos, Rua da Emenda, III, 2.º — Foi impresso na Tip. da Revista Renascença, R. da Luta, I-C, I-D LISBOA

Um arquivador de madeira com duas colunas e treze gavetas (seis em cada coluna, mais uma, a última, com a largura de duas colunas); três armários-cómoda com tampo oblíquo e uma ripa horizontal no limite inferior, com gavetas de altura muito baixa; três estantes metálicas industriais com cerca de seis prateleiras cada, preenchidas na sua totalidade por caixas de cartão de arquivo morto.

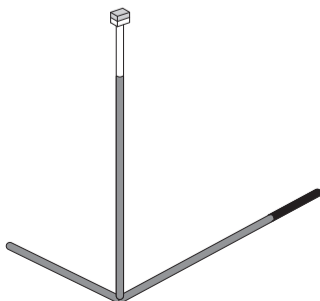
ABRIR... Nos arquivadores, milhares de fichas de leitor, cuidadosamente preenchidas, anotadas e muitas vezes completadas por notas de crédito e faturas. Uma caligrafia fina, robusta, rigorosa, daquela que se aprendia no Ensino Primário e assim permanecia para

8



A	B	C	D	E	F	G	H	I	K	L	M	N	O	
P	Q	R	S	T	V	W	X	Y	Z	J	U	&	8	m
m	n	!	!	!	!	!	1	2	3	4	5	6	7	8
j	b	c	d	e			i	s	f	g	n	9		
?							o	y	p	w	†			
l	z	l	m	n	h		a	r	!	!	!	!	!	
x	v	u	t											
q														

Com o alfabeto sempre na memória, foram as mãos que manusearam estes tipos de chumbo, que provavelmente os levaram até às gráficas locais, e é a eles que se dedica mais uma peça instável deste *Monumento*.



«UM PROBLEMA SE COLOCA, AGORA, ENTRE O EDITOR E O LEITOR: A COOPERAÇÃO.»

Na edição, o sistema social de distribuição e, com este, a consolidação de uma comunidade, são por vezes mais importantes que os meios físicos de produção. Em última e radical instância, podemos afirmar que a publicação só se produz para construir essa noção de comunidade. É esta consciência, esta espécie de empatia latente, que leva a maior parte dos editores ao encontro do leitor ideal – uma visão eminentemente romântica, que desagua no entendimento da publicação como espaço de encontro entre autor e leitor. Na *Biblioteca Cosmos* encontramos claras evidências de que a criação e manutenção deste espaço eram o centro e o mote do seu programa editorial. O investimento num «novo código de comunicação, capaz de estabelecer uma fluência de ideias e convicções entre autor e leitor, capaz de criar teorias de tradução das experiências diversas» (Neves, 2006: 867) é evidente tanto nos materiais de divulgação, como na obra e na terceira prova material que encontrei nos acervos do Museu do Neo-Realismo – o arquivo dos assinantes da *Biblioteca Cosmos*.



A economia editorial da *Biblioteca Cosmos* – um projeto editorial de risco, num país maioritariamente analfabeto – dependia, em grande medida, da sua rede de assinantes. Era ainda esta rede que permitia à coleção criar o seu próprio mercado e, talvez ainda mais importante, estabelecer subtilmente um programa político que não colidisse com os mecanismos da repressão e da censura, mas alargassem «os campos de comunicação e a esfera de influência de uma elite antifascista, procurando a formação de uma nova hegemonia histórica» (Neves, 2006: 830).

Uma Inovação em Edições Portuguesas.

CONDIÇÕES DE ASSINATURA E VENDA

INDEPENDENTEMENTE DA VENDA QUE SERÁ FEITA NAS LIVRARIAS DE TODO O PAÍS, ESTABELECEMOS, TAMBÉM, ESTABELECEMOS, TAMBÉM, ESTABELECEMOS um serviço de assinaturas.

OS LEITORES, POR INTERMÉDIO DE UM PLEBISCITO MENSAL, INDICARÃO OS ASSUNTOS QUE DEVEM SER TRATADOS . . .

NÃO se sabe a autoria de aquela graça, tão conhecida, do novo rico que, querendo possuir uma biblioteca, comprou, numa livraria, 100⁰ de livros, postos em rimas. Se conhecêssemos tal humorista, e porque o problema do novo rico já desapareceu nos seus aspectos mais caricatos, pedíamos-lhe para alterar, ligeiramente, esta graciosa anedota.

— Venda-me um livro — diz o leitor de nossos dias ao livro.

De que género — pergunta este, solícito.

— Qualquer coisa que sirva para ler.

E, se mudarmos a nossa fraca veia de humorista para a ainda mais fraca veia de filósofo, ocorre-nos perguntar: É o leitor uma coisa passiva, que aceita tudo o que lhe dão? — Não terá o leitor, especialmente aquele que só conhece a sua língua materna, desejos, curiosidades dos problemas que o rodeiam, interesse de conhecer, através do livro, estes mesmos problemas? — As aparências indicam-nos tal estado. O facto de também sermos leitor leva-nos, porém, a afirmar o contrário.

Ocorre-nos, agora, a pergunta: É possível uma colaboração entre o editor e o leitor? Porque não?

Realizando a ideia enunciada no título deste artigo, não é o leitor realiza os seus desejos, como o editor tem sempre a mão um barómetro que lhe indica os livros de mais fácil venda.

Começamos como humorista, passamos a filósofo — deixámo-nos terminar como mestre escola:

— Preencham o boletim abaixo, escolham os assuntos de que mais gostam.

Ex.^{mo} Sr. Director da «BIBLIOTECA COSMOS»

Desseja ver tratado

PARA OS COLECIONADORES

A fim de se facilitar a arrumação na estante e tornar mais fácil a consulta, a capa de cada volume de uma secção terá uma cor.

Assim, por exemplo, as capas da secção de Ciências e Letras terá a cor encarnada, enquanto a de Artes e Letras terá a cor azul, etc.

Independente de esta divisão, os volumes serão numerados pela ordem de saída, e pela ordem seguida dentro de cada secção, respectivamente sub-secções e alíneas.

toda a vida, contrasta com a matriz tipografada de cada ficha: nome, morada, número, local de cobrança, outras observações; três colunas com: prazo, importância, recibo, pagamento, prazo, importância, recibo, pagamento, prazo, importância, recibo, pagamento. Por vezes, algumas notas sobre o momento em que a assinatura é cancelada, ou o novo local de entrega dos exemplares. Nos armários-cómoda, encontram-se os tipos de chumbo, propriedade das Edições Cosmos, com os quais foram compostos os livros da *Biblioteca Cosmos* (os seus desenhos tipográficos, os tamanhos parecem corresponder aos encontrados nos livros que eram compostos nas Edições Cosmos e depois transportados

9

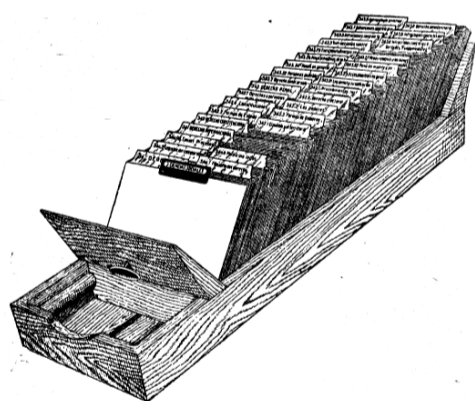


Fig. 10 — Gaveta ficheiro sistemático

A rede de assinantes, a infraestrutura que possibilitou a *Cosmos*, foi alicerçada por um pacto entre um editor confiante da sua missão e um conjunto de fiéis leitores:

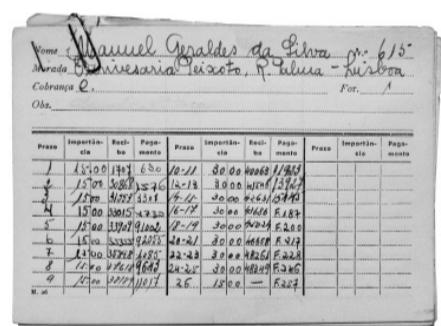
«Um problema se coloca, agora, entre o editor e o leitor: a cooperação. Concretizemos: o preço de 2\$50, que estipulámos para cada exemplar desta coleção — que convém outra vez acentuar, pois cada exemplar terá um mínimo de 128 páginas, com bela apresentação gráfica, gravuras no texto, com a melhor colaboração dos mais competentes autores de cada matéria tratada — só é possível desde que as vendas excedam as vulgares do mercado português. Cabe agora, aqui, a vez da colaboração entre o editor e o leitor. Para que esta iniciativa, esta experiência resulte proveitosa, é necessário que todos aqueles que se interessam por esta coleção, se inscrevam diretamente como assinantes. Mais: é necessário que nos indiquem novos assinantes.» («Folha Cultural de Divulgação da Biblioteca Cosmos»)

Em cooperação, editor, leitores e autores construíam a *Cosmos*: «Os leitores, por

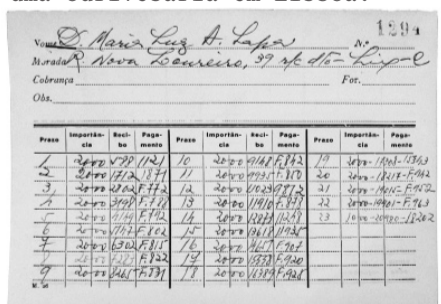
intermédio de um plebiscito mensal, indicam os assuntos que devem ser tratados». No «espólio de Caraça encontramos várias cartas de pessoas a proporem um tema, a proporem escrever sobre um tema e, mesmo, a entregarem manuscritos completos para edição» (Neves, 2006: 835), «leitores a sugerirem livros para tradução, (...) a formação de um capital cultural comum em torno da *Cosmos*, um capital cultural que se constituía como o ‘capital social espiritual’ da empresa» (Neves, 2006: 834).

Sabemos que a comunidade de autores da *Biblioteca Cosmos* era composta essencialmente por figuras de destaque da história do século XX português e da oposição ao Estado Novo (Neves, 2006: 833). Mas como classificar a comunidade de leitores de modo a definirmos uma imagem mais precisa deste «capital social cultural» da *Cosmos*? O trabalho de inventariação é possível a partir das fichas de arquivo, mas é incrivelmente árduo, porque implica uma investigação forense (quem são estas pessoas e que relações podem estabelecer entre si?).

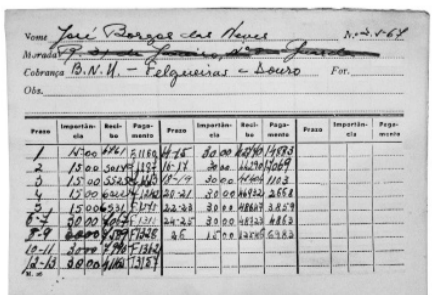
Não tenho a pretensão de abarcar o todo — a memória do armário de arquivo e, no interior, as suas milhares de fichas, são a melhor evidência desta impossibilidade —, nem de fazer um trabalho pautado pelo rigor científico. Munida apenas de curiosidade, limitei-me a recolher quatro fichas de leitor em busca de indícios dos instrumentos utilizados para a manutenção desta comunidade. (Contudo, arrisco dizer que, para melhor entender a sofisticação e relevância da empreitada da *Cosmos*, que alia sem pudor cultura, economia e política, seria útil obter uma imagem mais nítida desta comunidade de leitores, a partir da inventariação deste acervo.)



(ficha # 615) Manuel Geraldês da Silva tinha uma ourivesaria em Lisboa.



(# 1294) D. Maria da Luz A. Lapa é das poucas fichas pesquisadas com um nome feminino. A gestão dos acervos bibliográficos domésticos e/ou pessoais ainda era maioritariamente reservada aos homens (hesito em pontuar a frase com um «.» ou um «?»).



para serem impressos em várias tipografias de Lisboa). Cuidadosamente colocados em secções que cumprem o protocolo de organização dos tipos de chumbo (um alfabeto dentro do alfabeto), identificam-se os estilos e os diferentes corpos de letra utilizados. Nas caixas de cartão de arquivo morto, encontramos centenas de zincogravuras (com e sem relevo), que são as matrizes das imagens reproduzidas na coleção.

... E ESPERAR PELO EFEITO. Ser imediatamente assoberbada e assombrada por este acervo.

TENTAR SABER O QUE FAZER... Resistir ao apelo do documental? Esperar pela inventariação, conservação, pelo momento de uma eventual

10

Prazo	Importância	Resposta	Pagamento	Prazo	Importância	Resposta	Pagamento	Prazo	Importância	Resposta	Pagamento
1	20/10/82	82	10	30/10/82	82	10	10	30/10/82	82	10	10
2	20/10/82	182	11	30/10/82	182	11	11	30/10/82	182	11	11
3	20/10/82	342	12	30/10/82	342	12	12	30/10/82	342	12	12
4	20/10/82	492	13	30/10/82	492	13	13	30/10/82	492	13	13
5	20/10/82	642	14	30/10/82	642	14	14	30/10/82	642	14	14
6	20/10/82	792	15	30/10/82	792	15	15	30/10/82	792	15	15
7	20/10/82	942	16	30/10/82	942	16	16	30/10/82	942	16	16
8	20/10/82	1092	17	30/10/82	1092	17	17	30/10/82	1092	17	17
9	20/10/82	1242	18	30/10/82	1242	18	18	30/10/82	1242	18	18
10	20/10/82	1392	19	30/10/82	1392	19	19	30/10/82	1392	19	19

(# 2567) José Borges das Neves,, de Felgueiras/Douro e (# 1154) Carlos Filipe Pé Curto, de Estremoz, revelam a tentativa da *Cosmos* em estabelecer uma rede de assinantes a nível nacional.

Os leitores são a peça fundamental nesta comunidade de agentes anónimos e não-biografáveis da *Biblioteca Cosmos*. É, portanto, evidente que a eles se dedique um lugar ao *Monumento aos heróis desconhecidos da Cosmos*.

«HISTÓRIA DE UMA BIBLIOTECA VIVA», PARA UMA BIOGRAFIA DAS FORÇAS COLETIVAS.

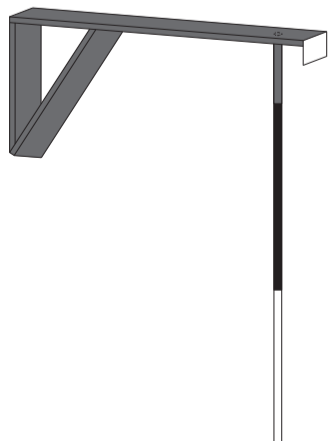
«But for us, who continue to have to do with a human race that insists on thinking, writing and above all publishing, the increasing size of our libraries tends to become the one real problem.» (Perec, 1978)

A *Cosmos* é uma coleção que é uma biblioteca e poderia oferecer-se como resposta ao dilema de Perec. Mas sabemos que a *Cosmos* está para além do problema do espaço que o conhecimento ocupa. A *Cosmos* é um assunto político: o alibi para a construção de uma comunidade de leitores e autores em torno de uma ideia de oposição a uma ditadura que pressupõe que conhecimento é poder, e que leitores esclarecidos podem estar na base da emancipação de regimes opressores. Para isso construiu um código de linguagem próprio e uma conduta que conseguimos encontrar, de forma mais objetiva, nos editoriais de cada livro e nos documentos de divulgação da *Biblioteca*.

«Livro em formato pequeno, quase de bolso e capas em que se anunciava uma estética inovadora, (...) que, conforme a secção da biblioteca (...), apresentavam uma cor de fundo diferente — amarelo, vermelho, azul, verde, rosa, roxo e laranja. Estas cores não eram tonificadas nas suas possibilidades mais fluorescentes, isto é, não se tratavam exactamente dos tons que marcariam a cultura pop que se expandiria alguns anos mais tarde. Mas eram cores em tom garrido, muito densas, convocando semelhanças com os tons mais celebrizados por vários artistas europeus da época (...). O livro da Biblioteca Cosmos era um livro ágil, manejável facilmente, transportável quotidianamente. O tamanho da letra, bem como as margens de paginação mostravam a preocupação de facilitar a leitura (processo menos curado quando se trata de livros que têm já garantido um público determinado, como acontece, por exemplo e em geral, com os livros técnicos)» (Neves, 2006: 867-868).

Talvez para compensar a fuga à secção «Biografias», proposta curatorial que me foi endereçada em *COSMO/POLÍTICA* #6, e o desvio para os assuntos da economia da edição e dos seus agentes anónimos, a identidade é agora o gatilho para aludirmos de forma mais direta à biografia da *Biblioteca Cosmos*. Publicada pelas Edições Cosmos, a *Biblioteca* atingiu tal prestígio que muitas vezes tendemos a confundir editora com coleção. Eram sete as secções da *Cosmos*: 1.^a – Ciências e Técnicas; 2.^a – Artes e Letras; 3.^a – Filosofia e Religiões; 4.^a – Povos e Civilizações; 5.^a – Biografias; 6.^a – Epopeias Humanas; 7.^a – Problemas do Nosso Tempo.

A importância de cada secção pode ser medida pelo número de títulos em cada uma destas, o que segundo Neves (2006: 831) é o dado com que a direção editorial de Bento de Jesus Cara-



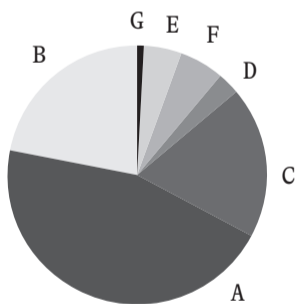
Há, contudo, várias imagens que ilustram pretensões universalistas, desde logo as gravuras (v. *As imagens invertidas do conhecimento, ou o «olho da história» da Cosmos*) e a identidade visual da *Cosmos* – o logotipo e o sistema de capas desenhado por Carlos Botelho, bem como as restantes opções formais dos volumes:

investigação em torno deste acervo? Transportar os contentores para o espaço expositivo para que também o espectador seja imediatamente sensibilizado pela monumentalidade singela destes objetos? Para que também ele aceda às maravilhas de um submundo editorial? Com o mínimo de protocolos, preferi dar forma a problemas e deslocar imediatamente estes achados dos bastidores do Museu do Neo-Realismo para o espaço expositivo.

... E CORRER O RISCO. Quando se converte material museológico em obra artística, corre-se o risco de dessacralizar o objeto a conservar ou, pelo contrário, de o mitificar como objeto artístico, de novamente

11

ça mais se compromete: A) Ciências e Técnicas (48 títulos em 106 – 45% do total da coleção), B) Problemas do Nosso Tempo (23 títulos), C) Artes e Letras (20), D) Filosofia e Religiões (3); E) Povos e Civilizações (6); F) Biografias (5); G) Epopeias Humanas (1).



Podemos negar esta evidência quantitativa e argumentar que a importância das secções não se mede ao quilo – por exemplo, *O Homem e o Livro*, de M. Iline (pseudónimo do engenheiro soviético Il'ya Marshak), foi o único título da secção «Epopeias Humanas» e é dos livros mais conceituados e enigmáticos da coleção.



Contudo, a experiência estética foi sempre, na *Biblioteca Cosmos*, um mero assunto científico; por outras palavras, não havia lugar para a dimensão poética ou especulativa. Por vezes, aparecia o vislumbre de uma excepção, como é demonstrado neste excerto de a *Arte Primitiva*, de L. Adam (1943):

«Mas quem se orgulhará, hoje, de ser civilizado? É mais fácil, talvez, sentirmos inveja dos povos ingénuos, mais inclinados a contrair amizade com a natureza do que a procurar subjugar os semelhantes. O próprio artista não tem motivo para se regozijar com a fase mais recente da civilização: pois, hoje em dia, os particulares têm muito pouco dinheiro, e as instituições públicas muita falta de gosto, para lhe proporcionarem salário suficiente para viver.

As belas-artes, todavia, não se ligam a qualquer tipo de cultura humana. São plantas robustas que florescem em todos os climas e em todas as estações. E o evolucionista sente grande confusão em face dessa nossa tendência natural que, através de história longa, poucos sintomas de mudança apresenta, tanto para melhor como para pior.»

Bento de Jesus Caraça, numa entrevista à *Seara Nova* (1944 apud Neves, 2006: 852), foi questionado sobre esta tendência para o científico numa coleção sobre cultura geral:

«— Os livros que mais procura têm são os de ciência, não os de arte, nem os literários. E como explica o facto?»

— Pela necessidade de cultura científica, que se sente; pelo desejo, geral, do esclarecimento de certos problemas urgentes, de vida. O homem comum pressente, ou reconhece como pode, que há um conjunto de ideias gerais, de muito interesse, que domina o moderno pensamento científico, e quer penetrá-lo.»

Esta orientação editorial e o desequilíbrio entre as ciências e as artes ganham expressão na lista dos LIVROS PUBLICADOS,

	Edições	Total da tiragem
1. <i>O Homem e o Livro</i> , pelo Eng.º M. Iline. (Tradução de M. Lami).	4	14.500
2. <i>Conceitos Fundamentais da Matemática</i> , pelo Prof. Dr. Bento de Jesus Caraça. (Vol. I).	5	17.500
3. <i>O Problema do Trigo</i> , pelo Eng.º Henrique de Barros.	3	12.500
4. <i>Piquena História da Poesia Portuguesa</i> , pelo Dr. João de Barros.	2	10.000
5. <i>A China Antiga e Moderna</i> , por José de Freitas.	2	10.000
6. <i>A Vida e a Obra de Darwin</i> , pelo Dr. Alberto Candelas.	2	10.000
7. <i>O Cristianismo e a Mensagem Evangélica</i> , pelo Padre J. Alves Correia.	2	10.000
8. <i>O Problema do Cancro</i> , pelo Instituto Português de Oncologia.	2	10.500
9. <i>Actividade Dramática de Gil Vicente</i> , pelo Dr. Marques Braga.	1	7.500
10. <i>Bases da Alimentação Racional</i> , pelo Dr. Ferreira de Mira.	2	10.000
11. <i>A B C da Genética</i> , pelo Eng.º Agrónomo António Camara.	2	10.000
12. <i>Prometeu Agrilhoado</i> , por Esquilo. (Prefácio e tradução de Eduardo Scariatti).	1	7.500
13. <i>Machado de Castro</i> , por Manuel Mendes.	1	7.500
14. <i>O Sr. Tomphius no País das Maravilhas</i> , pelo Dr. G. Gamow. (Tradução de A. Sá da Costa).	2	10.000
15. <i>A Arquitectura e a Vida</i> , pelo Arquitecto Francisco Kell do Amaral.	1	7.500
16. <i>Introdução Geológica</i> , pelo Dr. Carlos Torre de Assunção.	1	7.500
17. <i>Antero de Quental</i> , por Manuel Mendes.	1	7.500
18. <i>Conceitos Fundamentais da Matemática</i> , pelo Prof. Dr. Bento de Jesus Caraça. (Vol. II).	2	10.000
19. <i>O Problema do Ouro</i> , por António Carlos de Sousa.	1	7.500
20. <i>Organização da Matéria Viva</i> , pelo Dr. Luís Ernani Dias Amado.	1	7.500
21. <i>Modernas Tendências da Educação</i> , pela Professora Irene Lisboa.	1	7.500
22. <i>Introdução à Música Moderna</i> , por Fernando Lopes Graça.	2	10.000
23. <i>Os Segredos do Mar — Iniciação Oceanográfica</i> , pelo Dr. Alberto Candelas.	1	7.500
24. <i>Os Sistemas Filosóficos</i> , pelo Dr. André Cresson. Trad. de Edmundo Curvelo (Vol. I).	2	10.000
25. <i>Os Fundamentos Científicos da Sexualidade</i> , pelo Prof. Dr. A. Quintanilha.	2	10.000
26. <i>Os Sistemas Filosóficos</i> , pelo Dr. André Cresson. Trad. de Edmundo Curvelo (Vol. II).	2	10.000
27. <i>O Sincronismo Infantil — Uma Experiência Pedagógica</i> , pelo Prof. J. Dias Agudo.	1	7.500
28. <i>Técnica da Publicidade</i> , por A. Araújo Pereira.	1	7.500
29. <i>Aspectos Sociais da Orientação Profissional</i> , pelo Prof. Emílio Costa.	1	7.500
30. <i>Introdução à Sismologia</i> , pelo Dr. Raul de Miranda.	1	7.500
31. <i>A Crise da Europa</i> , pelo Prof. Dr. Abel Salazar.	1	7.500
32. <i>A Ciência e a Ordem Mundial — Conferência de Londres de 1941.</i> — Seleção organizada pelos Drs. Sá da Costa e Remi Freire.	1	7.500
33. <i>Um Povo Miúdo — As Abelhas</i> , pelo Eng.º Agrónomo Eduardo Sousa d'Almeida.	1	7.500
34. <i>História Popular da Música</i> , pelo Professor Luís de Freitas Branco.	2	8.500
35. <i>Vitaminas</i> , pelo Dr. M. Ferreira de Mira.	2	10.000
36. <i>A Vida e os seus problemas</i> , pelo Dr. Jean Rostand.	1	7.500
37. <i>O Problema do Mediterrâneo</i> , pelo Dr. Jorge Alarcão.	1	7.500
38. <i>A Vida e os seus problemas</i> , pelo Dr. Jean Rostand.	1	7.500
39. <i>O Problema do Nilo</i> , pelo Dr. F. Marques da Silva.	1	7.500
40. <i>Arte Primitiva</i> , pelo Dr. L. Adam.	1	7.500
41. <i>Algumas considerações sobre a Psicologia dos Adolescentes</i> , pelo Dr. José Neiva.	1	7.500
<i>A transportar</i>		366,000

reabrir o eterno debate que confronta ciência e arte. (As coisas aqui fogem de mão.) Totalmente impreparada, lancei-me ao desafio de encontrar nestas peças, nestas ruínas de um empreendimento inestimável, uma possibilidade poética. À medida que compunha frases possíveis com os tipos de chumbo das Edições Cosmos, compunha, em simultâneo, o quadro conceptual de *Monumento aos heróis desconhecidos da Biblioteca Cosmos* — peça apresentada na exposição *COSMO/POLÍTICA #6* —, e a estrutura editorial de *Como reclamar a incompreensível dificuldade de comunicar com os mortos*, o jornal que agora tem nas mãos. Enquanto remexia no acervo, apareciam os rastros de um esquema

	Edições	Total da tiragem
<i>Transporte . . .</i>		
45. <i>Introdução à Lógica</i> , pelo Dr. Ednaundo Curvelo	I	7.500
46/47. <i>Civilizações Primitivas</i> , pelo Dr. Flausino Torres	I	7.500
48/49. <i>A Arte de Navegar</i> , pelo Com. Jaime do Inso	I	7.500
50. <i>A Vida de Beethoven</i> , pelo Prof. Luis de Freitas Branco	I	7.500
51. <i>O Corpo Humano</i> (Vol. I), pelo Prof. Dr. A. Celestino da Costa	I	7.500
52. <i>Quadro Económico do Mundo</i> (Vol. I), pelo Dr. Amaro Guerreiro	I	7.500
53. <i>Animais Migradores — Poesia da Natureza</i> , pelo Dr. António de Oliveira Matos	I	6.000
54. <i>O Corpo Humano — Hormonas</i> (Vol. II), pelo Prof. Dr. A. Celestino da Costa	2	8.500
55. <i>O Problema do Crime</i> , pelo Dr. Alvaro Soares	I	6.000
56/57. <i>Religiões Primitivas</i> , pelo Dr. Flausino Torres	I	6.000
58. <i>Aranhas, Aranhões e Aranhões</i> , pelo Eng.º Agrónomo Eduardo Sousa d'Almeida	I	6.000
59. <i>Vegetais maravilhosos — Poesia da Natureza</i> , pelo Dr. António de Oliveira Matos	I	6.000
60. <i>Como se forma uma inteligência</i> , pelo Dr. Teófilo, Trad. de A. Araújo Pereira	2	8.500
61. <i>Bases Teóricas da Música</i> , por Fernando Lopes Graça	I	6.000
62. <i>A organização fundamental dos seres vivos</i> , pelo Dr. Ernani Dias-Amado	I	6.000
63. <i>A descoberta do Mundo Vegetal</i> , pelo Dr. Alberto Miranda	I	6.000
64/65. <i>História do Teatro Italiano</i> , pelo Dr. Gino Savioti	I	6.000
66/67. <i>O Corpo Humano — Sistema Nervoso</i> (Vols. III e IV), pelo Prof. Dr. A. Celestino da Costa	I	6.000
68/69. <i>Defendamo-nos da Electrocussão</i> , pelo Eng.º Carlos de Almeida	I	6.000
70/71. <i>Obras Primas do Teatro Italiano</i> (Séc. XVIII). Trad. por Grazia Maria Savioti	I	6.000
72. <i>O Imperialismo Japonês</i> , por José de Freitas	I	6.000
73. <i>O Problema das Quinas</i> , pelo Dr. Aloisio Fernandes Costa	I	6.000
74/75. <i>O Sistema Solar</i> , por Engénio Conceição Silva	I	6.000
76/77. <i>Psicanálise</i> , pelo Dr. J. Seabra Dinis	I	6.000
78/79. <i>A Origem da Vida</i> , pelo Dr. Ilídio Sardoeira	I	6.000
80/81. <i>O Elogio da Loucura</i> , por Erasmo de Roterdão. (Trad. de Berta Mendes. Prefácio e notas de Manuel Mendes)	I	6.000
82. <i>Conceito actual da Ginecia Veterinária</i> , pelo Dr. Joaquim Fideiro	I	6.000
83. <i>O Bacio de Koch e o Homem</i> , pelo Dr. Ladislau Patricio	I	6.000
84. <i>Quanto custa a Guerra</i> , pelo Dr. A. Sebastião Gonçalves	I	6.000
85. <i>O Leite na Alimentação Humana</i> , pelo Dr. F. Vieira de Sá	I	6.000
86/87. <i>Obras Primas do Teatro Italiano</i> (Século XVI). Tradução pelo Dr. Gino Savioti	I	6.000
88. <i>Os derivados do leite na alimentação e na indústria</i> , pelo Dr. F. Vieira de Sá	I	6.000
89. <i>Os Rios — Evolução e vida dos cursos de água</i> , pelo Dr. Raúl de Miranda	I	6.000
90/91. <i>O Príncipe</i> , por Maquiavel. (Tradução de Berta Mendes. Prefácio e notas de Manuel Mendes)	I	6.000
92. <i>A Luta contra o Microbio</i> , pelo Dr. Joaquim Salvado Valente	I	6.000
93. <i>O Japão através da sua Literatura</i> , por César dos Santos	I	6.000
94/95. <i>O Mundo Mediterrânico, do séc. XII a. C. ao séc. III d. C.</i> , pelo Dr. Flausino Torres	I	6.000
96. <i>A Música e a Sociedade</i> , por Elite Siegmester (Trad. de Fernando Lopes Graça)	I	6.000
97. <i>Os Parasitas e a Economia Pecuaría</i> , pelo Dr. Silva Leitão	I	6.000
98/99. <i>Obras Primas do Teatro Italiano</i> (Século XVIII)	I	6.000
<i>A transportar . . .</i>		614.000

	Edições	Total da tiragem
<i>Transporte . . .</i>		
enlos XIII-XV). Trad. de Grazia Maria e Dr. Gino Savioti	I	6.000
100/101. <i>O Problema da Aviação</i> , por Manuel Cardoso Barata	I	6.000
102. <i>O Campismo na Vida Moderna</i> , por Mário Mendes de Moura	I	6.000
103. <i>Nós e os Microbios</i> , pelo Dr. Manuel da Silva	I	6.000
104/105. <i>Quadro dos Progressos do Espírito Humano</i> , por Condorcet. (Tradução de Maria Antonieta Godinho)	I	6.000
106/107. <i>A Reprodução nas plantas, nos animais e no homem</i> , pelo Dr. Ramiro da Fonseca	I	6.000
108. <i>Problemas Científicos e Sociais da Alimentação</i> , pelo Dr. F. A. Gonçalves Ferreira	I	6.000
109. <i>Como evitar as doenças infecciosas</i> (Vol. I), pelos Drs. J. Fraga de Azevedo e Fernando de Castro Amaro	I	6.000
110. <i>Como evitar as doenças infecciosas</i> (Vol. II), pelos Drs. J. Fraga de Azevedo e Fernando de Castro Amaro	I	6.000
111. <i>Pequenas Bibliotecas — Como as organizar modernamente e como utilizá-las</i> , por Ema Quintas Alves	I	6.000
112/113. <i>A Arte e a Sociedade</i> , por Herbert Read. (Trad. pelo Dr. Alberto Candelas)	I	6.000
114. <i>A Biologia na Vida Diária</i> , por John R. Baker e J. B. S. Haldane	I	5.000
115/116. <i>Breve História da Literatura Italiana</i> , pelo Dr. Giuseppe Carlo Rossi	I	5.000
117. <i>A carne na alimentação e na economia agrícola</i> , pelo Dr. Joaquim da Silva Portugal	I	5.000
118. <i>A Ciência Hermética</i> , pelo Dr. Rómulo de Carvalho	I	5.000
119. <i>Os Gados, Riqueza Nacional</i> , pelo Dr. J. J. Costa Júnior	I	5.000
120. <i>O Problema da Alemanha</i> . Documentação coordenada pelo Dr. Nuno Fideiro de Figueiredo	I	5.000
121/122. <i>O Desenvolvimento Embrionário</i> , pelo Dr. Ramiro da Fonseca	I	5.000
123. <i>Quadro Económico do Mundo</i> (Vol. II), pelo Dr. Amaro Guerreiro	I	5.000
124. <i>A personalidade de Beethoven — Ensaio sobre beethovenianos</i> , pelo Prof. Luis de Freitas Branco	I	5.000
125/126. <i>A Utopia, ou o Tratado da melhor forma de governo</i> , por Tomás Moro. (Trad. de Berta Mendes. — Pref. e notas de Manuel Mendes)	I	5.000
127. <i>A Geometria ao alcance de toda a gente</i> (Vol. I), pelo Dr. A. A. Ferreira de Macedo	I	7.500
128. <i>O Sistema de Segurança Colectiva</i> . Documentação coordenada pelo Dr. Nuno Fideiro de Figueiredo	I	5.000
129. <i>O Problema da Energia Atómica</i> . Documentação coordenada pelo Dr. Nuno Fideiro de Figueiredo	I	5.000
130/131. <i>Introdução ao Estudo da Economia Portuguesa</i> (Fim do séc. XVIII a princípios do séc. XX), pelo Dr. Armando Castro	I	5.000
132. <i>Os Microbios ao serviço do Homem</i> , pelo Dr. A. Inácio dos Santos	I	5.000
133. <i>A Geometria ao alcance de toda a gente</i> (Vol. II), pelo Dr. A. A. Ferreira de Macedo	I	5.000
134/135. <i>A Fiscalização da Energia Atómica</i> . Documentação coord. pelo Dr. Nuno Fideiro de Figueiredo	I	5.000
136/137. <i>Luta Anti-Venêrea</i> , pelo Dr. César Anjo (Filho)	I	5.000
138. <i>O Ferro</i> , pelo Dr. Amaro Guerreiro	I	5.000
139. <i>100.000 Porquês — Uma viagem à Roda da Casa</i> , por M. Illine (trad. de Ema Quintas Alves)	I	4.000
140/141. <i>O Problema das Casas Económicas — Esboço de Estudo</i> , pelo Eng.º António Faria	I	4.000
142/143. <i>O Embalsamamento Egípcio</i> , pelo Dr. Rómulo de Carvalho	I	4.000
144/145. <i>O Submarino</i> , pelo Cap. Hermes de Araújo Oliveira	I	4.000
<i>Total</i>		793.500

mas igualmente na lista A PUBLICAR,

- (1.ª — Ciências e Técnicas)
Conceitos Fundamentais da Matemática — Vol. III, Bento de Jesus Caraça
A Arquitectura do Universo, Manuel Peres
Ideias actuais sobre a Estrutura da Matéria, Marques da Silva
Electromagnetismo, António da Silveira
A Telefonía, Brito Aranha
Iniciação à Física, Mário Silva
A Vida das Montanhas, Torres de Assunção
Os Vírus, Maria de Lourdes Oliveira
O Problema Médico-Social da Sífilis, Ferreira Marques
O Problema da Evolução em Biologia, Ilídio Sardoeira
Vida das Plantas, Alberto de Miranda
Flora Portuguesa, Alberto de Miranda
A Identificação em Criminologia, Luís Navarro Soeiro
A Vida do Jornal, Mário Neves
Sociologia do Crime, Jorge Domingues
- (2.ª — Artes e Letras)
Poesia Portuguesa Contemporânea, Mário Dionísio
Introdução ao Estudo da Literatura, Adolfo Casais Monteiro
Breve História da Literatura Inglesa, Paulo Quintela
Breve História da Literatura Alemã, Paulo Quintela
Esboço da História da Pintura Portuguesa, Adriano Gusmão
História da Arte Italiana, Jacinto Manuppella
- (3.ª — Filosofia e Religiões)
Religiões Primitivas — Vol. II, Flausino Torres
- (4.ª — Povos e Civilizações)
A Holanda, Ernani Bernardo
O Próximo Oriente Antigo, Antonino de Sousa
A Desagregação do Mundo Mediterrânico e as origens da Europa: séc. III a IX, Vitorino Magalhães Godinho

de produção, de sustentabilidade e de sobrevivência² da *Biblioteca Cosmos*, envolvendo personagens (desde individualidades reconhecidas a anónimos), espaços e matérias. E por entre estas evidências factuais, começa a emergir o espaço para a ficção: quem foi o tipógrafo que pela última vez organizou e encerrou os armários de tipos, quem zelou pelas gravuras que já haviam cumprido a sua função, a ponto de as embrulhar minuciosamente como latas de conservas; quem eram Manuel Geraldês da Silva, Maria da Luz A. Lapa, José Borges das Neves, ou Carlos Filipe Pé Curto, os nomes dos leitores que isolei das centenas ou milhares

² Perante um contexto hostil, entre o rescaldo de uma Guerra Mundial e no meio de uma ditadura que mantinha índices de analfabetismo como política de controlo e dependência, a *Cosmos* subsistiu. Curiosamente só não sobreviveu à morte do seu mentor e editor, Bento de Jesus Caraça, em 1947.

13

A Sociedade Senhorial e o Feudalismo,
Antonino de Sousa
A Economia Urbana e a Desagregação do Feudalismo,
Jorge de Macedo
As Catedrais Europeias, Mário Chicó
História das Universidades Europeias, Manuel Mendes
Pequena História da Técnica, Flausino Torres,
M. Moura, E. Namorado, Barradas de
Carvalho, Jorge de Macedo e J. Lobo

(5.^a – Biografias)

Galileo Galilei, Bento de Jesus Caraça
Isaac Newton, Rui Luís Gomes
Diderot, Agostinho da Silva
S. Francisco de Assis, Manuel Alves Correia
Eça de Queiroz, Manuel Mendes
Mozart, Fernando Lopes Graça

(6.^a – Epopeias Humanas)

A Epopeia do Sul, Alfredo Fernandes Martins

(7.^a – Problemas do Nosso Tempo)

O Cinema, José Gomes Ferreira
A População do Mundo, Orlando Ribeiro
O problema da lã, E. Ramos da Costa
As indústrias do mar, J. Mousinho de Figueiredo
A fecundação artificial, Taborda Duarte
Hormonas e Zootecnia, Gamboa Vaz

ou ainda nos TEMAS

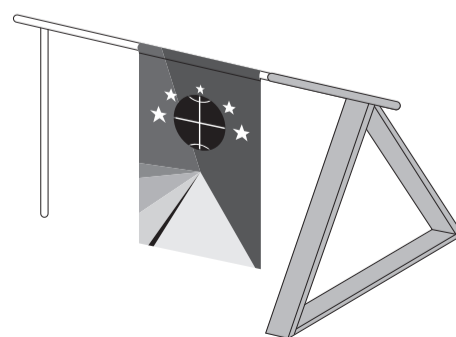
ou TÍTULOS RECUSADOS:

Arte Grega,
Pombos Correio,
O Prazer e a Dor,
Álcool Carburante,
História da Companhia Portuguesa dos Caminhos de Ferro,
Alfredo da Silva,
Zootecnia,

Estenografia,
O Melhoramento da Silvicultura Moderna,
Aves Migradoras,
Gabriela Mistral e a Moderna Poesia Chilena,
Técnica Popular do Automóvel,
Educar e Instruir,
Introdução à Psicologia,
Evolução em Biologia,
Japão,
Quadro Económico,
Problemas da Conduta,
Desportos,
Linguagem,
Introdução ao Estudo da História da Filosofia em Portugal,
Crise Europeia,
Introdução à Lógica,
Abissínia,
Hormonas,
Porque Somos Adventistas,
Assistência à Criança em Portugal,
Guia da Pesquisa Mineira,
O Problema da Justiça,
As Alfândegas,
O Frio,
A Vida do Jornal,
Coração,
Medicina Legal,
Freud,
Columbofilia,
Educação Física e Desportos,
Economia Política,
O Tabaco,
Murillo,
Ghandi,
Higiene Infantil,
Evolucionismo,
O Mito Grego,
História do Teatro Grego,

História da Língua Portuguesa,
A Economia Portuguesa,
50 Anos de Cinema,
As Pescas,
O Leite e seus Derivados,
A Cortiça,
Os Fundamentos da Termodinâmica,
A Neurose da Guerra.

Embora Bento de Jesus Caraça entendesse o conhecimento à luz do contributo quase exclusivo da ciência, as artes, hoje, dedicam-lhe uma exposição – *COSMO/POLÍTICA #6*. E se entendermos o legado da *Cosmos* como um território, ousa a contribuir para a sua identidade com uma bandeira que tem por base o seu logotipo de tendência universalista e o gráfico em forma de queijo que dá conta da distribuição dos títulos publicados pelas suas áreas temáticas (o mesmo gráfico que ilustra as preferências do seu editor e a clara desproporção entre assuntos científicos e artísticos). Para hastear a bandeira do território *Cosmos*, desenhou-se mais uma peça instável.



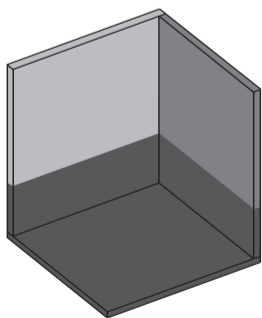
de assinantes identificados no arquivo; quem geria este arquivo de assinantes e atualizava com uma caligrafia minuciosa o estado de deve e haver de cada um deles; que vidas mudaram o seu curso depois de ler um livro da *Biblioteca Cosmos*?

Ao olhar para este acervo, descortina-se o rasto das rotinas; sente-se a azáfama daqueles que, a partir do somatório de todos estes gestos mínimos, levavam o conhecimento ao próximo. Daqui, podemos escutar conversas inaudíveis (de quem fez a *Cosmos*, de quem leu a *Cosmos*, de quem falou sobre a *Cosmos*), e antecipar a alteração de percursos, permitida por descobertas transformadoras, pelo despertar da curiosidade,

14

PÔR NO PAPEL UMA ECONOMIA DA PARTILHA.

Embora tenha recorrido a (escassa) bibliografia e a (escassa) documentação, este jornal que agora tem em mãos – *Como reclamar a incompreensível dificuldade de comunicar com os mortos* – resulta acima de tudo de um inquérito artístico, sem pretensão científica. O jornal, por sua vez, é apenas mais uma peça do *Monumento aos heróis desconhecidos da Biblioteca Cosmos*. Fazendo juz à teoria de Ursula K. Le Guin (1986), em *The Carrier Bag Theory of Fiction* (ver N.R. na p. 7), este jornal foi depositado num contentor precário, porventura inútil, e disponível ao visitante de *COSMO/POLÍTICA #6*.



A partir de um artefacto marginalizado, Le Guin mostra-nos como uma possível teoria do contentor poderá ser uma potente e desestabilizadora declaração política, ao nos permitir reinscrever outros protagonistas na História.

Em qualquer exposição também encontramos estruturas que contêm coisas, matérias ou discursos e a estas quase sempre corresponde um estatuto de desejável invisibilidade ou neutralidade. Em *Monumento aos heróis desconhecidos da Biblioteca Cosmos*, da mesma forma

que se procurou reduzir as clivagens entre os protagonistas reconhecidos (em particular os seus editores e autores) e os protagonistas anónimos da *Biblioteca Cosmos* (tipógrafos, pessoal administrativo, agentes de distribuição, leitores, entre outros), atribuímos às estruturas de suporte e exibição um outro estatuto. Se procurámos perscrutar dimensões sociais e políticas menos evidentes dos processos editoriais, olhando em particular para as margens da produção, e procurando, na medida do possível, dar-lhes visibilidade, qualquer transporte deste inquérito para o espaço expositivo deveria evitar separar as águas do que é exposto (as fichas dos assinantes, as gravuras, os tipos de chumbo, a bandeira, este jornal), da forma como se tratou, classificou, valorizou e, por fim, expôs cada um destes artefactos. Por outras palavras, havia que inscrever regimes de continuidade entre o fazer-obra e o mostrar-obra, entre conteúdo e contentor, entre discurso e estrutura que lhe dá suporte, e entender que a estes limites deveria-se equivaler uma igual dose de ambiguidade programática: o que aqui vemos é obra ou mero documento (e, se quisermos radicalizar a proposta, o que importam estas distinções)?

Assim, em *Monumento aos heróis desconhecidos da Biblioteca Cosmos*, as formas que sustentam as coisas são tão ou mais afirmativas que as coisas que se mostram. Mas à potência deste carácter afirmativo sobrepõe-se a fragilidade do modo como se diz: as estruturas são agora visíveis, mas igualmente disfuncionais – porque correspondem à sinalização de um desvio. Os cinco suportes instáveis de *Monumento aos heróis desconhecidos da Biblioteca Cosmos* resultam de uma tentativa declarada de fuga à 5.ª secção temática da *Cosmos* – «Biografias» – secção que

me foi proposta pelas curadoras, Sandra Vieira Jürgens e Paula Loura Batista, no contexto da exposição *COSMO/POLÍTICA #6*, e onde cada um dos sete artistas convidados abordou uma das sete secções temáticas da *Biblioteca*. Não me querendo furtar a este legítimo enunciado, comecei por procurar ideias reversas à ideia de biografia. Encontrei no acervo das Edições Cosmos, depositado no Museu do Neo-Realismo, o alibi para um desvio consentido. À hegemonia das forças individuais biográficas opor-se-ia a ecologia da *Biblioteca Cosmos* e com ela a alusão a todos os seus protagonistas não-biografáveis. Olhei para a cosmologia da *Cosmos* a partir da sua economia editorial, do seu sistema de produção, dos seus modos de subsistência: a comunidade de leitores, o acesso aos meios de produção e a equipas dedicadas e especializadas, a sua marca ou identidade como forma privilegiada de comunicar com os leitores e construir o seu próprio mercado do livro.

Curiosamente, encontrei na página 114 de um dos livros da 5.ª secção – o livro dedicado a Antero de Quental – a analogia mais brilhante à ideia de biografia:

«*Sepultura romântica*».

ou ainda na página 127 do mesmo livro, o mesmo cepticismo que me levou a abandonar uma investigação mais profunda em torno da ideia de biografia:

«*Sempre tive grandes dúvidas sobre a doutrina da superioridade das inteligências*».

V — O livro «A Origem das Espécies»

VI — As polémicas levantadas em volta das ideias de Darwin

pelo livro enquanto mecanismo elementar que permite alimentar o desejo de saber, de conhecer.

PELO MEIO, HAVIA QUE IDEALIZAR UMA IMAGEM... Ao negar a hegemonia da narrativa dos heróis, impunha-se desenhar um monumento instável, uma cenografia composta por estruturas simples e elementares: tábuas, varões e outros indícios. Com isto, procurámos testar protocolos de exibição disfuncional, mostrando objetos não-resolvidos, matérias em suspenso ou em estado de transição, e propondo uma nova publicação de elevada tiragem que permita uma economia da partilha — que se oferece, que se dobra e que se leva debaixo do braço para outras paragens.

15

Também é num dos livros da 5.^a secção — desta feita, na página 75 do livro dedicado a Darwin, que encontro a (in)justificação para a nossa vertigem para a biografia: a «luta pela existência e concorrência vital». A frase sintetiza os fundamentos da Teoria da Evolução de Darwin, baseada em princípios de competição entre espécies, mas talvez sejam estes os motes que norteiam as escolhas dos que se consideram «biografáveis», dos que fazem a História ou dos que ficam para a história. Estas ideias animam o último desafio: dedicar as últimas linhas deste jornal ao conceito renegado, à ideia de biografia.

Em *Legend, Myth, and Magic in the Image of the Artist: A Historical Experiment*, de Ernst Kris e Otto Kurz (1979), encontro padrões curiosos da escrita biográfica, entre estes, o interesse recorrente pela juventude do autor ou pela sua personalidade. Este é, sempre, o tempo ou circunstância onde algo de impactante acontece e que define os desenvolvimentos futuros do indivíduo; e onde se podem encontrar sinais premonitórios a partir das experiências da criança, que indiciam o lugar que irá alcançar e sublinham o seu valor especial.

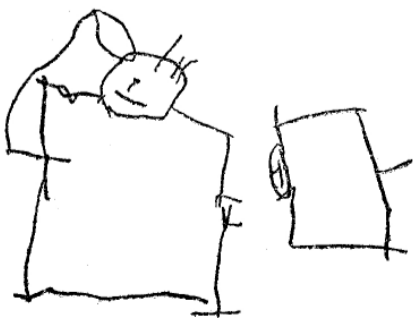


Fig. 11 — Homem a barbear-se observado por um cão.
Desenho por Doayne North (Beaconsfield, Bucks),
de 4 anos e 3 meses de idade.



Fig. 14 — Combate.

Importa ainda o primeiro momento em que se demonstra excecionalidade (daí encontrarmos em tantas TED talks — versões autênticas e bastardas — esta retórica: «o momento em que descobri o meu talento», ou em versões mais egomaniacas, «como descobri que era, de facto, especial»).

A biografia enquanto género literário ainda encontra sustento nas teorias de Sigmund Freud que reconhecem que a história individual de um indivíduo definirá a sua personalidade. Independentemente das escolas e da posição dos seus autores, em todos os relatos biográficos encontramos a urgência do coletivo em encontrar a singularidade individual, aqueles que são dotados e que ultrapassam a mediania.

Por contraponto, há ainda quem aponte para a falácia da biografia, como a estranha convicção de que podemos ler a vida do autor a partir da sua obra e vice-versa. As evidências encontradas, usualmente, revelam mais do biógrafo que do biografado. Como nos diz Joseph Pearce: para os proponentes das teorias *queer*, Shakespeare é, convenientemente, homossexual; para os fundamentalistas seculares, ele é um proto secularista; para os agnósticos do pós-Cristianismo, um profeta da modernidade. À luz desta crítica e olhando para o acervo bibliográfico de que me deveria ter ocupado, o que nos revelam a seleção de figuras biografadas pela *Biblioteca Cosmos* sobre esta empreitada editorial: Machado de Castro, Beethoven (dois volumes), Antero de Quental, Darwin? Ou as previstas a biografar: Galileo Galilei, Isaac Newton, Diderot, S. Francisco de Assis, Eça de Queiroz e Mozart? Ou as recusadas: Alfredo da Silva, Freud, Murillo, Ghandi.

Por outro lado, e sem qualquer apelo ao esotérico, que segredos nos são revelados por esta constante aspiração a comunicar com os mortos?

Um último comentário que é também um momento de auto-avaliação: talvez o desvio ao enunciado curatorial tenha sido, afinal, mínimo. Saímos da esfera das biografias dos reconhecidos e entrámos na esfera das biografias anónimas, moldadas por forças coletivas. Contudo, mais do que as vidas, os nomes, as biografias, interessaram-me os rastros da obra e as marcas de uma cultura material, matéria essa, aliás, para que tende e se resume qualquer monumento comemorativo. E contra todas as leis da física, este jornal põe o *Monumento* em marcha.

... LEVAR A EMPREITADA ADIANTE,
ESTABELECEM MAIS UMA REDE DE CÚMPLICES...
as curadoras, o encarregado geral das oficinas
municipais, os carpinteiros, os pintores, o pessoal
responsável pela metalurgia, os responsáveis do MNR
pela reprodução fac-similada de documentos,
os conservadores, os autores da bibliografia consultada,
os impressores de jornais em máquinas rotativas,
os correios que levam os jornais da gráfica ao museu,
a senhora da Primeira Casa das Bandeiras...
... PARA COM ESTA FORÇA COLETIVA,
FINALMENTE, ERIGIR UM MONUMENTO AOS HERÓIS
DESCONHECIDOS DA *BIBLIOTECA COSMOS*.

16

MONUMENTO AOS HERÓIS DESCONHECIDOS
DA *BIBLIOTECA COSMOS*

5 peças em madeira, lacadas e pintadas (dimensões variáveis); fac-símile de ficha de subscritor/leitor (11 x 16 cm); bandeira (70 x 45 cm); zincografuras da *Biblioteca Cosmos* (dimensões variáveis); tipos de chumbo das Edições Cosmos (3,9 x 5,3 cm); jornal *Como reclamar a incompreensível dificuldade de comunicar com os mortos*: 16 pp., 2500 exemplares (37 x 28 cm).

CMVFX – DEPARTAMENTO DE OBRAS, VIATURAS
E INFRAESTRUTURAS
DIVISÃO DE TRANSPORTES E EQUIPAMENTO
MECÂNICO/SETOR DE OFICINAS GERAIS

ENCARREGADO GERAL José António Luís
CARPINTARIA Gilberto Martins, José Travassos, Carlos do Carmo
SERRALHARIA Paulo Rocha, Pedro Paulino
PINTURA António Costa, José António Soares, José Machado,
Mário Silva, Ricardo Pereira

DEPARTAMENTO DE CULTURA
MUSEU DO NEO-REALISMO

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO Odete Belo
CONSERVAÇÃO E RESTAURO Ana Sofia Neves, João Miguel
Salgado, Sara Lemos
PRODUÇÃO Fernando Marques

COMO RECLAMAR A INCOMPREENSÍVEL
DIFICULDADE DE COMUNICAR COM OS MORTOS

(jornal integrado no *Monumento aos heróis desconhecidos da Biblioteca Cosmos*, no âmbito da exposição *COSMO/POLÍTICA #6*, Museu do Neo-Realismo, 2020).

DESIGN E EDIÇÃO Sofia Gonçalves
REVISÃO Paula Loura Batista, Sandra Vieira Jürgens
IMPRESSÃO Fig Indústrias Gráficas S.A.
TIRAGEM 2500 exemplares
© imagens e textos dos autores

AGRADECIMENTOS Qualquer exposição ou publicação é um esforço coletivo. Desejo agradecer a: Paula Loura Batista, Sandra Vieira Jürgens, e a todos os que contribuíram com o seu labor: Ana Sofia Neves, António Costa, Carlos do Carmo, Fernando Marques, Gilberto Martins, Margarida M. Silva, Mário Silva, João Miguel Salgado, José António Luís, José António Soares, José Machado, José Travassos, Palmira Rachinhas e tipógrafos da Fig, Paulo Rocha, Pedro Paulino, Ricardo Pereira, Odete Belo, Sara Lemos.

BIBLIOGRAFIA:

- ADAM, L. (1943). *Arte Primitiva* (Biblioteca Cosmos n.º 42/43). Lisboa: Edições Cosmos.
- ALVES, E. Q. (1946). *Pequenas Bibliotecas – como as organizar modernamente e como utilizá-las* (Biblioteca Cosmos n.º 111). Lisboa: Edições Cosmos.
- ARAÚJO, M. (2001). Prefácio. *Biblioteca Cosmos – Um projecto cultural do Prof. Bento de Jesus Caraça*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- CANDEIAS, A. (1941). *A Vida e a Obra de Darwin*. (Biblioteca Cosmos n.º 6). Lisboa: Edições Cosmos.
- CARAÇA, B. J. (1970). *Humanismo e Humanidades. Conferências e outros escritos*. s.n.: Lisboa.
- HAMILTON, N. (2007). *Biography: a brief history*. Harvard: Harvard University Press.
- ILINE, M. (1941). *O Homem e o Livro* (Biblioteca Cosmos n.º 1). Lisboa: Edições Cosmos.
- ILINE, M. (1948). *100.000 porquês: uma viagem à volta da casa* (Biblioteca Cosmos n.º 139). Lisboa: Edições Cosmos.
- KRIS, E. e KURZ, O. (1979). *Legend, Myth, and Magic in the Image of the Artist: A Historical Experiment*. New Haven: Yale University Press.
- LE GUIN, U. K. (1986). *The Carrier Bag Theory of Fiction. Dancing at the Edge of the World*. Nova Iorque: Grove Press.
- MENDES, M. (1942). *Machado de Castro* (Biblioteca Cosmos n.º 2). Lisboa: Edições Cosmos.
- MOHOLY-NAGY, L. (1947). *Vision in Motion*. Chicago: Paul Theobald.
- NEVES, J. (2006). A Biblioteca Cosmos. CURTO, Diogo Ramada (org.), *Estudos de Sociologia da Leitura em Portugal no Século XX*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia, pp. 823-889.
- OLIVEIRA, H. A. (1948). *O Submarino* (Biblioteca Cosmos n.º 144-145). Lisboa: Edições Cosmos.
- PEREC, Georges (1978). *Brief Notes on the Art and Manner of Arranging One's Books. Species of Spaces and Other Pieces*. Londres: Penguin, 1999, p. 148-155.
- WINSLOW, D. J. (1980). *Life-Writing: A Glossary of Terms in Biography, Autobiography, and Related Forms*. Honolulu: University of Hawai'i Press. <https://scholarspace.manoa.hawaii.edu/bitstream/10125/42312/LifeWriting.pdf>

LISTA DE FIGURAS:

- p. 3: zincografuras da *Biblioteca Cosmos* (espólio das Edições Cosmos – arquivos do MNR*, *fotog.: Sofia Gonçalves*).
- p. 5: gravuras do livro *Pequenas Bibliotecas – como as organizar modernamente e como utilizá-las* (Alves, 1946). Zincografura da *Biblioteca Cosmos*, espólio das Edições Cosmos – arquivos do MNR. *fotog.: SG*. Esquema de uma das peças do *Monumento aos heróis desconhecidos da Biblioteca Cosmos*.
- p. 6: tipos de chumbo das Edições Cosmos – arquivos do MNR. *fotog.: Sofia Gonçalves*. Gravura do livro *Machado de Castro* (Mendes, 1942). *Folha Cultural de Divulgação da Biblioteca Cosmos*, Arquivo Bento de Jesus Caraça – Fundação Mário Soares, pasta 4419.012, doc. 46-53.
- p. 8: tipos de chumbo das Edições Cosmos – arquivos do MNR (*fotog.: SG*). Gravura do livro *Machado de Castro* (Mendes, 1942). Esquema de organização das gavetas de tipos chumbo, modelo California Job case (proveniência desconhecida). *Folha Cultural de Divulgação da Biblioteca Cosmos*, Arquivo BJS – FMS, pasta 4419.012, doc. 46-53.
- p. 9: gravura do livro *Pequenas Bibliotecas – como as organizar modernamente e como utilizá-las* (Alves, 1946). Fichas de assinantes das Edições Cosmos – arquivos do MNR* (*fotog.: SG*).
- p. 10: fichas de assinante das Edições Cosmos – arquivos do MNR* (*fotog.: SG*). Esquema de uma das peças do *Monumento aos heróis desconhecidos da Biblioteca Cosmos*. Redesenho digital do logotipo da *Biblioteca Cosmos*, por Carlos Botelho.
- p. 11: gráfico com distribuição dos volumes publicados por secção. Redesenho digital da capa do livro *O Homem e o Livro* (Iline, 1941). Volumes publicados da *Biblioteca Cosmos* (Oliveira, 1948).
- p. 12: volumes publicados da *Biblioteca Cosmos* (Oliveira, 1948).
- p. 13: esquema de uma das peças do *Monumento aos heróis desconhecidos da Biblioteca Cosmos*.
- p. 14: esquema de uma das peças do *Monumento aos heróis desconhecidos da Biblioteca Cosmos*. Fragmento do índice do livro *A Vida e a Obra de Darwin* (Candeias, 1941).
- p. 15: gravuras do livro *Arte Primitiva* (Adam, 1943).

* Uma última nota sobre o percurso destes artefactos, das edições Cosmos aos arquivos do MNR. Este espólio foi entregue em 1998 por Mário Reis, um dos sócios-gerente das Edições Cosmos, em articulação com a Associação Promotora do Museu do Neo-Realismo. Um dos propósitos para além da conservação, estudo e inventariação, era relembrar Manuel Rodrigues de Oliveira, sócio fundador das Edições Cosmos que, nas palavras de Mário Reis, «lutando contra todas as adversidades, manteve enquanto lhe foi permitido o funcionamento da editora, acautelando sempre o seu espólio, que transmitiu ao seu sucessor». Foi precisamente Manuel Rodrigues de Oliveira (Neves, 2006) queizou conjuntamente com Bento Jesus Caraça, em 1940, o plano da *Biblioteca Cosmos*. (PLB) Também a ele se presta homenagem neste *Monumento*.